

12/7/1986

Conflito também na capital. E cinco feridos.

Num dia de muitas paralisações em diversas categorias profissionais, a capital paulista viveu ontem momentos de grande tensão, pelo menos no bairro do Tatuapé, onde fica a fábrica da Philco. Ali, logo às 5 horas da manhã, dirigentes sindicais e trabalhadores em greve entraram em conflito com a polícia, que tentou prender João Carlos Gonçalves, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos, que iria presidir uma assembléia dos grevistas. Resultado: cinco pessoas feridas inclusive o próprio sindicalista.

Mais uma vez os metalúrgicos participam dos principais movimentos reivindicatórios em São Paulo. Além da greve da Philco, que já tinha começado anteontem, o sindicato registrou outras 17 paralisações em andamento. As duas mais recentes surgiram ontem, na Siemens, com três mil funcionários, e na Metalgráfica, com 650. Mas o movimento mais sério é mesmo o da Philco, que tem quatro mil trabalhadores, boa parte deles parada há dois dias.

Segundo a versão dos trabalhadores, a polícia chegou à porta da fábrica, onde seria realizada uma assembléia, numa kombi cinza e branco da Polo (Policimento Ostensivo Localizado) de onde desceram alguns PMs que passaram a atirar bombas (duas de gás lacrimogêneo e uma de efeito moral, segundo testemunhas) e atingiu os manifestantes com golpes de cassetete. Uma das bombas, ao explodir espalhou estilhaços que acabaram provocando um ferimento no rosto de João Carlos Gonçalves, que compareceu à 30ª Delegacia, do Tatuapé, para registrar queixa. Um inquérito foi aberto e os policiais deverão ser chamados para depor.

Mas a versão dos policiais foi bem diferente. Segundo eles, os trabalhadores é que teriam desobedecido ordens e partido para a provocação, o que acabou gerando o tumulto. A tarde, enquanto a assembléia finalmente era realizada, a CGT divulgava nota protestando contra a violência da polícia e lamentando o "desrespeito aos direitos dos trabalhadores".

"Anarquia"

Para o diretor da Fiesp e principal negociador com os metalúrgicos, Roberto Della Manna, as greves que vêm acontecendo em todo o País são políticas e configuram uma "anarquia sindical". Uma crítica que irritou bastante os dirigentes da CUT, acusados até pelo governo de serem os principais responsáveis por esses movimentos. "Ele é um milionário ignorante e miserável, que quer a Constituinte da ditadura e da exploração do trabalhador", comentou Miguel Rupp, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André e diretor da CUT.

Ao lado de outros sindicalistas, ele criticou o pacote econômico e procurou responder às acusações de Della Manna, que teria afirmado que as greves são apenas "uma forma de projeção pessoal e política dos dirigentes sindicais". Para Miguel Rupp, o papel dos sindicatos é justamente coordenar os movimentos reivindicatórios dos trabalhadores, "que estão em situação de miséria".

Outro sindicalista ligado à CUT, Mário dos Santos Barbosa, comentou que já havia previsto o atual surto de greves como consequência do Plano Cruzado. "Os movimentos têm surgido espontaneamente", disse ele. "Além de arcar com o arrocho salarial, os trabalhadores enfrentam a crise de abastecimento."

Outras greves

A produção da Firestone, em Santo André, pode ser paralisada hoje se os 250 operários em greve conseguirem a adesão de todos os 4.500 funcionários da empresa que chegam para o

trabalho às 6hs da manhã. A greve será julgada pelo TRT segunda-feira à tarde. A reivindicação dos grevistas é o pagamento complementar das horas relativas ao período de almoço. Segundo o sindicato dos Borracheiros, a Firestone é a única empresa do setor que não paga esse período.

Na Mercedes-Benz em São Bernardo, a greve do setor de ferramentaria (400 empregados) prejudicou o cronograma de produção durante dois dias (quarta e quinta-feira), mas não atrapalhou o funcionamento da empresa ontem. De qualquer forma, os ferramenteiros prometem continuar o movimento, Na Ford, o movimento só não foi maior porque muitos líderes sindicais tiveram que se deslocar até Leme para acompanhar os incidentes dos bóias-frias.

No Rio, o sindicato dos Urbanitários do Rio de Janeiro e os sindicatos dos trabalhadores em Águas e Esgotos de Niterói, São Gonçalo e Campos, decidiram entrar em greve na próxima semana, nos dias 17 e 15 respectivamente, se não for cumprido pelo governador Leonel Brizola o acordo salarial assinado com aquelas categorias profissionais.